

Formas de tratamento em inquéritos de pesquisa sobre atitudes linguísticas no estado do Paraná (Brasil)

Forms of address in surveys on language attitudes in the state of Paraná (Brazil)

Clarice Cristina Corbari. Unioeste
mclarice.corbari@unioeste.br



Received: April 2024

Accepted: June 2024

Resumo

Este estudo objetiva analisar o uso de formas de tratamento em inquéritos (entrevistas) de pesquisa sobre atitudes linguísticas no estado do Paraná (Brasil). Parte-se do pressuposto de que as formas de tratamento e cortesia retratam o modo como a sociedade se organiza em dado contexto sociocultural, pois as relações entre os indivíduos são mediadas por convenções sociais que estabelecem certos modos de abordar o interlocutor (Biderman, 2001; Brown & Gilman, 1960; Frias Conde, 2018, 2023). Especificamente, interessa a análise de como essas formas de tratamento refletem relações de poder e solidariedade nos diversos contextos sociais (Biderman, 1972; Brown & Gilman, 1960; Dino Preti, 2004), o que favorece o acionamento de estratégias de preservação da face (Brown & Levinson, 1987; Goffman, 1970). O estudo, de natureza qualitativa, utiliza o sistema de etiquetagem proposto por Frias Conde (2018, 2023), que permite classificar as formas de tratamento nos níveis morfossintático, pragmático e sociolinguístico. Os resultados mostram que os usos das formas de tratamento são motivados por fatores contextuais relacionados às características sociais dos interactantes e às circunstâncias do evento comunicativo. Há predominância do uso do pronome *você* nos inquéritos, em alternância com *o senhor/a senhora* em alguns casos em que o interlocutor é mais velho.

Palavras-chave

Morfossintaxe; Pragmática; Sociolinguística; Formas de tratamento.

Abstract

This study aims at analyzing the use of forms of address in surveys conducted in research on language attitudes in the state of Paraná (Brazil). It is assumed that forms of treatment and courtesy portray the way in which society is organized in a given sociocultural context, as relationships between individuals are mediated by social conventions that establish certain ways of addressing the interlocutor (Biderman, 2001; Brown & Gilman, 1960; Frias Conde, 2018, 2023). Specifically, the interest lies in analyzing how these forms of treatment reflect relations of power and solidarity in the various social contexts (Biderman, 1972; Brown & Gilman, 1960; Dino Preti, 2004), which favors the activation of face-saving strategies (Brown & Levinson, 1987; Goffman, 1970). The study, of a qualitative nature, uses the tagging system proposed by Frias Conde (2018, 2023), which enables the classification of the forms of address at the morphosyntactic, pragmatic and sociolinguistic levels. The results show that the use of forms of address is motivated by contextual factors related to the social characteristics of the interactants and the circumstances of the communicative event. There is a predominance of

the use of the pronoun *você* in the surveys, alternating with *o senhor/a senhora* in some cases where the interlocutor is older.

Keywords

Morphosyntactics; Pragmatics; Sociolinguistics; Forms of address.

Índice

1. Introdução.
2. Quadro teórico do estudo.
3. Metodologia da pesquisa.
4. Análise dos dados e etiquetagem das formas de tratamento.
5. Conclusões
6. Referências

1. Introdução

As formas de tratamento, isto é, as expressões linguísticas utilizadas para dirigir-se ao interlocutor, constituem-se de pronomes, sintagmas nominais (usados no lugar de pronomes) ou vocativos. O uso das formas de tratamento é regido por vários fatores, desde o nível morfossintático – como a concordância sujeito-verbo em *Você quer café? / Tu queres café?* – até o pragmático – como o grau de formalidade em *Você quer café? / O senhor aceita um café?* –, entre outros fatores linguísticos e extralinguísticos.

A relevância de estudar as formas de tratamento e cortesia reside no fato de que elas refletem o modo como uma sociedade se organiza em dado contexto sociocultural, principalmente por meio das relações entre os indivíduos, que assumem papéis sociais (Biderman, 2001; Brown & Gilman, 1960). Como a abordagem ao interlocutor é sempre baseada em convenções sociais, as formas de tratamento têm um papel fundamental na comunicação, pois, em seu uso, intervêm não apenas a cortesia linguística, mas também a estrutura social (Frias Conde, 2018). Especificamente, interessa a análise de como essas formas de tratamento refletem relações de poder e solidariedade (Biderman, 1972; Brown & Gilman, 1960; Dino Preti, 2004) nos diferentes contextos sociais. Considera-se a noção de preservação da face (Brown & Levinson, 1987; Goffman, 1970), que se trata da imagem do eu delineada de modo a se acomodar a atributos sociais aprovados.

Partindo desse pressuposto, este estudo, que se filia ao paradigma qualitativo, de natureza interpretativista, tem como objetivo geral analisar o uso de formas de tratamento em inquéritos (entrevistas) de pesquisa sobre atitudes linguísticas no estado do Paraná (Brasil), conduzidos no âmbito do projeto interinstitucional *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Aguilera et al., 2009) em seis localidades fronteiriças a países anglófonos (Paraguai e Argentina) e duas localidades situadas no interior do estado. Para a análise dos dados selecionados, utiliza-se a metodologia de etiquetagem das formas de tratamento (Frias Conde 2018, 2023), que permite classificar esses elementos tanto no nível morfossintático quanto no nível pragmático e sociolinguístico.

Nas seções que seguem, apresentam-se o quadro teórico do estudo, a descrição da metodologia de pesquisa e a análise e etiquetagem de sete recortes, considerados representativos do *corpus* selecionado.

2. Quadro teórico do estudo

Para fins deste estudo, consideram-se as formas de tratamento como pertencentes a três categorias: i. formas nominais, que consistem em nomes próprios, de parentesco, de funções, como *o Pedro, a mãe, o doutor* etc., usados para endereçamento à segunda pessoa; ii. formas pronominais, que integram pronomes de tratamento e pronomes pessoais de segunda pessoa, como *tu, você, Vossa Senhoria* etc.; e iii. vocativos, termos que servem para designar e chamar o indivíduo com quem se fala (Frias Conde, 2018; 2023; Kerbrat-Orecchioni, 2006).

Allen (2019) ressalta que não há consenso sobre a classificação das formas de tratamento. Cintra (1972), por exemplo, considera formas como *Vossa Excelência* e *Vossa Alteza* como pronominais, e *o senhor* e *a senhora* como nominais, embora esse gramático considere estas últimas como as mais pronominalizadas das formas nominais. Oliveira (2019), por outro lado, evidencia que muitos autores referem-se à forma *senhor(a)* como pronome de tratamento. Neste estudo, na esteira de Allen (2029), consideram-se formas como *o senhor* e

Vossa Senhoria como formas pronominais; todavia, em casos como *senhor(a) + nome(s)* e *senhor(a) + título acadêmico ou profissional*, essas formas são consideradas nominais.

Do ponto de vista pragmático, Cintra (1972) classifica as formas de tratamento portuguesas em três paradigmas: i. formas próprias da intimidade: *tu*; ii. formas usadas no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior e que não implicam intimidade: *você*; e iii. formas de referência e delicadeza, com diversas gradações quanto a distâncias de natureza diversa entre os interlocutores: *Vossa Excelência*, *a senhora*, *o senhor dr.*, *o Antônio*, *a Maria*, *o senhor Antônio*, *a dona Maria* etc.

Essas formas de tratamento, portanto, são utilizadas de acordo com diversos níveis de formalidade, desde o tratamento informal, em contextos de interação entre amigos, familiares ou pessoas de igual posição, de modo a refletir maior intimidade, até o tratamento formal, utilizado em contextos em que há uma diferença hierárquica entre os envolvidos (por exemplo, ambientes acadêmicos, profissionais ou mesmo nos círculos familiares e de amizade, quando o interlocutor se dirige respeitosamente a uma pessoa mais velha).

Para exemplificar, consideremos os seguintes enunciados:

- (1) *Tu* queres café? / Queres um café?
- (2) *Você* quer café? / Quer café?
- (3) *Vós* quereis café? / Quereis café?
- (4) *Vocês* querem café? / Querem café?
- (5) *O senhor* aceita / gostaria de um café?
- (6) *Vossa Excelência* aceita / gostaria de um café?
- (7) *O pai* quer / aceita / gostaria de um café? (II 3PS; R 2PS).
- (8) *A dona Maria* quer / aceita / gostaria de um café? (II 3PS; R 2PS).
- (9) *Pai*, quer / aceita / gostaria de um café?
- (10) *Dona Maria*, quer / aceita / gostaria de um café?
- (11) *João*, *você* quer café?
- (12) *Dona Maria*, *a senhora* quer / aceita / gostaria de um café?

Podemos tecer algumas considerações sobre as formas de tratamento presentes nos exemplos (1) a (12), tendo em vista os usos no português brasileiro. Estudos sociolinguísticos sobre o sistema pronominal do português do Brasil (Faraco, 1996; Ilari, 2010; Lopes, 2008; Machado, 2008; Menon, 1995; Neves, 2002; Souza, 2012, entre outros) vêm atestando alguns fenômenos que merecem destaque. Um desses fenômenos é o uso generalizado, no país, do pronome *você*, substituindo parcialmente ou totalmente o pronome *tu*, a depender da região brasileira, de forma que enunciados como (2) são mais frequentes que enunciados como (1). Além disso, nas localidades em que o pronome *tu* ainda é recorrente, observa-se o uso predominante do paradigma verbal de terceira pessoa, de forma que enunciados como (1) geralmente se realiza como *Tu quer café?*.

Outro fenômeno constatado nas pesquisas mencionadas anteriormente é a “obsolescência” do pronome *vós*, substituído por *vocês*, de forma que enunciados como (3) deram lugar a enunciados como (4), de forma generalizada no Brasil. Esses estudos mencionados também mostram o uso frequente dos pronomes objeto *te* e *ti* e dos possessivos *teu(s)* e *tua(s)* em enunciados orais e escritos em que a referência é a forma *você*, e não *tu*, como em *Você pegou teu livro?*, concorrendo com *Você pegou seu livro?*.

Pesquisas como a de Ramos (2011) e Oliveira (2019), por exemplo, mostram também o decréscimo no uso de *o senhor* e *a senhora* para endereçamento a pessoas mais velhas, que, muitas vezes, rejeitam essas formas, com justificativas como *O senhor está no céu* (referindo-se ao uso de *Senhor* para dirigir-se a uma divindade do catolicismo). A pesquisa de Silva (2010), entre outras sobre o mesmo fenômeno, investigou, na cidade do Rio de Janeiro, o uso de *você* para interlocutores pertencentes a três grupos diferentes, conforme a relação estabelecida entre si: relação de parentesco (pais, sogros), relação de subordinação e poder (chefe, empregada doméstica, porteiro e autoridades) e relação professor-aluno. Na relação com o chefe e com uma autoridade, prevalece o uso de *senhor*; na relação professor-aluno, a escolha do pronome depende da situação, da faixa etária e do estilo do professor; nos demais casos, predomina o uso de *você* (Silva, 2010). Nesse sentido, em algumas situações que envolvem relações verticais – por exemplo, entre pessoas de diferentes faixas etárias ou níveis hierárquicos –, enunciados como (2) podem ser preferidos a enunciados como (5).

No que se refere às formas nominais de tratamento, como ocorre nos enunciados (7) e (8), é preciso ter em mente que se trata de enunciados direcionados à segunda pessoa, e não uma referência a uma terceira pessoa; ou seja, essas formas nominais ocupam a mesma posição de um pronome. Segundo Allen (2019),

[...] as formas de tratamento nominais podem ser ou não acompanhadas de determinante (definido e/ou possessivo), de adjetivos (e.g., menino bonito) e/ou outras formas de tratamento (e.g., senhora professora). No caso dos vocativos, estes podem vir acompanhados de partícula interjetiva. Quanto ao determinante utilizado, este poderá aumentar ou reduzir o nível de delicadeza da respetiva forma de tratamento e, consequentemente, a relação de proximidade (proxémica) ou de afastamento (taxémica). (p. 33)

Os enunciados (9) e (10) evidenciam o uso de vocativos, que se comportam, sintática e pragmaticamente, de forma diferente das formas nominais e pronominais, as quais, de acordo com Allen (2019, p. 30-31), aproximam-se em termos funcionais, pois “[...] se caracterizam por funções deícticas e definitórias, i.e., formas que fazem referência ao alocutário através de expressões que sinalizam a sua posição de alocutário e que o definem ao mesmo tempo”. Já os vocativos são termos que: i. servem para designar e chamar o indivíduo com quem se fala; ii. não assumem as funções de sujeito nem de predicado; e iii., na estrutura sintática do enunciado, estão isolados, normalmente, com vírgula. Os vocativos podem ser usados, inclusive, junto a formas pronominais, como ocorre em (11) e (12). Além disso, é importante observar que os vocativos são majoritariamente formados por um nome ou sintagma nominal, como se pode observar nos exemplos (9) a (12), mas diferem do que se denominou anteriormente de formas nominais de tratamento por serem desligados da estrutura argumental da oração (Bechara, 2009).

Como mencionado anteriormente, as formas de tratamento estão condicionadas à estrutura social (Biderman, 1972; Brown, Gilman, 1960; Frias Conde, 2018; 2023), de modo que elas dependem muito mais da maneira como a sociedade está organizada do que propriamente do sistema linguístico. Esses elementos desempenham um papel importante nas interações sociais e refletem não apenas as normas linguísticas e os protocolos sociais, mas também as relações de poder que se manifestam no uso de determinadas formas. Como a sociedade é tradicionalmente constituída com base em um sistema hierárquico de poder, as formas de tratamento ocorrem a depender da situação social e do papel que as pessoas envolvidas desempenham nessa estrutura social.

A abordagem ao interlocutor, portanto, é sempre baseada em convenções sociais, de modo que, ao eleger essas expressões que refletem respeito, cortesia, categoria social ou formalidade, entre outras situações/condições, os indivíduos envolvidos na situação comunicativa levam em consideração variáveis como o contexto social, o relacionamento entre as pessoas e sua cultura, e a adequação aos contextos formal e informal, a depender das circunstâncias envolvidas no evento comunicativo (Biderman, 1972; Frias Conde, 2018, 2023).

Brown e Gilman (1960) postulam que as formas de tratamento revelam jogos de *poder*, sustentado pela distância e assimetria nas relações, e de *solidariedade*, regida pela igualdade, intimidade e reciprocidade. Para explicar o primeiro caso, esses autores desenvolveram a noção de *power semantic* (semântica do poder), que se manifesta nas relações interpessoais que envolvem alguma forma de hierarquia social entre os interagentes, por meio do uso assimétrico e não recíproco das formas de tratamento. Os autores exemplificam com o exemplo do francês, em que o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *Tu* e é tratado por *Vous*. Em sentido oposto, a noção de *solidarity semantic* (semântica da solidariedade) diz respeito a relações horizontais entre as pessoas envolvidas numa interação, nas quais há uso recíproco das formas de tratamento. Segundo esses autores,

The non-reciprocal power semantic is associated with a relatively static society in which power is distributed by birthright and is not subject to much redistribution. The power semantic was closely tied with the feudal and manorial systems. [...] The reciprocal solidarity semantic has grown with social mobility and an equalitarian ideology.¹ (Brown e Gilman, 1960, p. 265)

Além disso, nas interações face a face, conforme Moreno Fernández (1998), é importante considerar a noção de cortesia, que se reflete nas formas de tratamento e são cruciais para a gestão da imagem e do papel social mantido durante a interação. Goffman (1970) e Brown e Levinson (1987) contribuem com a noção de preservação da face, que se trata da imagem as pessoas tendem a construir de si mesmas, nas interações, para encaixar-se na linha de conduta que os outros esperam que elas tenham adotado em certa situação.

Assim, em uma situação comunicativa, os sujeitos utilizam recursos e estratégias linguísticas que estão culturalmente disponíveis para preservar sua imagem e não agredir a face de seu interlocutor durante uma interação (Goffman, 1970). Entre essas estratégias, encontra-se a polidez (Brown & Levinson, 1987), que pode

¹ Tradução nossa: A semântica do poder não recíproco está associada a uma sociedade relativamente estática, em que o poder é distribuído por direito de nascença e não está sujeito a muita redistribuição. A semântica do poder estava intimamente ligada aos sistemas feudal e senhorial. [...] A semântica da solidariedade recíproca cresceu com a mobilidade social e uma ideologia igualitária.

ser alcançada pelo uso, entre outros elementos, de formas de tratamento consideradas socialmente adequadas para a situação comunicativa. Para Kerbrat-Orecchioni (2006), a noção de polidez linguística recobre “[...] todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal” (p. 77).

3. Metodologia da pesquisa

Inserido no paradigma qualitativo, de natureza interpretativista, este estudo utiliza como métodos a pesquisa bibliográfica, para a revisão de literatura e construção do quadro teórico, e a pesquisa documental, pois, como já mencionado na introdução deste estudo, os dados analisados provêm da base de dados coletados pelo projeto interinstitucional *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Aguilera *et al.*, 2009). Promovido por pesquisadores de universidades paranaenses (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual do Centro-Oeste e Universidade Estadual de Ponta Grossa), esse projeto coletou dados em seis municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – e em dois municípios situados na região central do estado – Irati e Ponta Grossa.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário, com 46 perguntas adaptadas à realidade sociolinguística e cultural das localidades investigadas, aplicado em forma de entrevista (inquérito) com o objetivo de identificar atitudes linguísticas dos participantes, cujo perfil assenta-se nas seguintes variáveis extralinguísticas: a) sexo (masculino e feminino); b) faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos); e c) nível de escolaridade (fundamental, médio e superior). Da combinação das variáveis, resultou a seleção de 18 participantes (denominados informantes no projeto) para cada localidade pesquisada, com exceção de Foz do Iguaçu, onde foram inquiridos 36 participantes, devido a suas características populacionais (número e composição de habitantes).

As interações ocorreram por meio das entrevistas gravadas, aplicadas por pesquisadores universitários (docentes e estudantes de pós-graduação). É importante esclarecer que inquiridores e participantes não se conheciam previamente. Os inquiridores se apresentaram como vinculados a uma universidade, e os participantes foram avisados de que se tratava de recolha de dados para estudo. Todas essas características estabelecem um contexto caracterizado por [–envolvimento] e [+monitoramento], o que pode favorecer a projeção de determinada imagem frente ao interlocutor (Goffman, 1970).

Para este estudo, foram selecionados sete recortes, considerados representativos do *corpus* considerado, isto é, do total de dados coletados. Primeiramente, faz-se uma análise geral das formas de tratamento identificadas nos recortes, considerando os fatores que possam influenciar o uso de uma ou outra forma. Em seguida, as formas de tratamento são categorizadas, com foco nos aspectos morfossintáticos e sociopragmáticos. Para isso, utiliza-se a metodologia da etiquetagem proposta por Frias Conde (2018), que a define da seguinte maneira: “El etiquetado es un sistema de marcado de características gramaticales (incluyendo las pragmáticas y las semánticas) que caracterizan a un elemento A frente a un elemento B.” (Frias Conde, 2018, p. 4). Para esse autor,

Se trata de un mecanismo gramático-pragmático, el cual distingue un elemento [+marcado] de otro [–marcado]. [...] este mecanismo tiene repercusiones morfológicas (en los paradigmas pronominales y verbales) y sintácticas (fundamentalmente, en lo que a la concordancia se refiere), en un plano estrictamente gramatical; asimismo, dichas repercusiones pueden ser de índole pragmática o sociolingüística [...].² (Frias Conde, 2018, p. 9)

Além de permitir classificar as formas de tratamento com base em marcas morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, a metodologia da etiquetagem também considera fatores relacionados aos circunstantes, que explicam o entorno social em que ocorrem esses elementos linguísticos. De acordo com Frias Conde (2018), fatores como o *status* social, a idade e o sexo constituem elementos fundamentais para explicar o uso das formas de tratamento.

² Tradução nossa: Trata-se de um mecanismo gramático-pragmático que distingue um elemento [+marcado] de outro [–marcado]. [...] esse mecanismo tem repercussões morfológicas (nos paradigmas pronominais e verbais) e sintáticas (fundamentalmente, no que diz respeito à concordância), em um plano estritamente gramatical; além disso, tais repercussões podem ser de índole pragmática ou sociolinguística [...].

Na categorização proposta por Frias Conde em 2018, são apresentados os seguintes indicadores das formas de tratamento para a etiquetagem primária:

- Marca: relacionada a níveis de formalidade e distância, expressa pelos traços [+formal] / [-formal], [+conhecido] / [-conhecido] e [+íntimo] / [-íntimo];
- Referência (R): relacionada à pessoa real do discurso (por exemplo, em algumas línguas, usa-se o pronome de segunda pessoa do plural, mas a referência é a segunda pessoa do singular);
- Paradigma (II): correspondência sujeito-verbo (por exemplo, no português brasileiro, a forma pronominal {você} tem como referência a segunda pessoa do singular [2PS], mas o paradigma verbal é de terceira pessoa do singular [3PS]);
- Grau (G): gradação {tu}–{você}–{o senhor / a senhora}, que expressa níveis de formalidade e, portanto, encontra-se intimamente relacionada ao indicador Marca. Em outras palavras, entende-se que a variação das formas de tratamento {tu}, {você} e {o senhor / a senhora} é geralmente condicionada pelo grau de formalidade da situação (do mais informal para o mais formal) e pelo tipo de relação entre os interlocutores (da maior intimidade para a menor intimidade).

Além desses indicadores, a etiquetagem frequentemente requer levar outros fatores em consideração, como aqueles relacionados aos Circunstantes (C), que expressam o *status* social, a idade, o sexo, entre outros aspectos (Frias Conde, 2018).

Frias Conde (2018) reconhece que, em muitos casos, é necessário recorrer a outras explicações para os usos das formas de tratamento que não os protocolos sociais primários, o que resulta no recurso à etiquetagem secundária, assentada no “valor psicossocial”. Essa situação é exemplificada com o caso do uso frequente de {usted} entre casais no Equador, forma que, paradoxalmente, indica intimidade, enquanto o *vos*, usado com amigos, é também um sinal de intimidade, mas sem envolver relacionamento amoroso. Nesses casos, segundo o autor, a análise disporá de uma etiqueta [casal] para o {usted}.

Frias Conde (2023) elabora uma ferramenta para etiquetar as formas de tratamento, que é o Sistema de Etiquetado das Formas de Tratamento (Seftra). Com base nessa ferramenta e nos indicadores apresentados anteriormente, utilizam-se, neste estudo, os seguintes códigos:

- para indicar o Grau (G): [-formal] e [+formal];
- para indicar a Referência (R): [2PS];
- para indicar o Paradigma (II): [2PS] ou [3PS];
- para indicar os Circunstantes (C): [-urb] ou [+urb], de acordo com a localidade em que vivem; X e Y para locutor (inquiridor) e interlocutor (participante), respectivamente; faixa etária, entre chaves – {18-30}, {31-50} e {51-70} –; sexo, em letras maiúsculas, entre chaves – {F} para feminino e {M} para masculino –; e nível de escolaridade, entre chaves – {fun}, {med} ou {sup}, para fundamental, médio e superior, respectivamente.

Não se consideram, nesta análise, a referência e o paradigma de segunda pessoa do plural [2PP], dada a inexistência de ocorrências desse tipo nos inquéritos selecionados para análise. Além disso, estabelece-se como pressuposto que, pelas condições de realização dos inquéritos, já apontadas neste estudo, a relação entre os interactantes é marcada pelos traços [-íntimo] e [-conhecido]. Por fim, quando um indicador não se aplica ao exemplo, usa-se o símbolo do conjunto vazio [Ø].

Nos trechos transcritos (recortes), as siglas INQ. e INF. representam, respectivamente, inquiridor e participante (informante). O participante e o respectivo inquérito são numerados em conformidade com a categorização dos fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária e nível de escolaridade) por ocasião da seleção dos participantes; contudo, aqui, devido à limitação de espaço, não serão detalhados. A identificação da localidade onde reside o participante é feita por siglas: como os recortes selecionados foram extraídos de inquéritos de Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Ponta Grossa e Guaíra, utilizam-se, respectivamente, (SAS), (PRA), (PGR) e (GUA).

A etiquetagem das formas de tratamento é expressa, neste estudo, em quadros, como exemplificado e explicado a seguir:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 11 (Y) (PGR)	Você <u>permite</u> que eu use no meu trabalho o que nós falamos aqui?	G [-formal] R [2PS] II [3PS]

		C [+urb] [X {51-70} {F} {sup}] > Y {51-70} {M} {med}]
INF. 11 (X) → INQ. (Y) (PGR)	A senhora <u>pode</u> , eu permito.	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {51-70} {M} {med}] < Y {51-70} {F} {sup}]

Na caracterização dos interactantes (primeira coluna), o código como INQ. (X) → INF. 11 (Y) (PGR) significa que o inquiridor (X) dirige-se ao informante/participante (Y) do inquérito 11 de Ponta Grossa (PGR).

Na segunda coluna, transcrevem-se os enunciados em que aparecem as formas de tratamento, as quais são destacadas em negrito, e os respectivos verbos, sublinhados. Os clíticos e possessivos, quando ocorrem, são realçados com *itálico sublinhado*.

A terceira coluna apresenta a etiquetagem. Inicialmente, expressam-se as etiquetas primárias referentes ao Grau (G), à Referência (R) e ao Paradigma, de forma que, por exemplo, G [–formal] R [2PS] Π [3PS] significa que a forma *você* é marcada como não formal, com referência de segunda pessoa do singular e paradigma de terceira pessoa do singular. Em um segundo momento, apresentam-se os fatores que caracterizam os Circunstantes (C). Dessa maneira, a etiqueta C [+urb] [X {51-70} {F} {sup}] > Y {51-70} {M} {med}] significa que os interactantes residem em zona urbana; o locutor/emissor está na faixa etária de 51 a 70 anos, é do sexo feminino e tem nível de escolaridade superior, ao passo que o interlocutor/destinatário, da mesma faixa etária, é do sexo masculino e tem escolaridade média. Além disso, representa-se o tipo de relação social, no sentido de que, segundo Frias Conde (2023, p. 140), os interactantes “[...] podem ter várias relações sociais (Σ) do ponto de vista do locutor ou remetente: superioridade Σ [X>Y], igualdade Σ [X=Y], inferioridade Σ [X<Y]”, de modo que, no exemplo dado, interpreta-se a relação como vertical, em que o inquiridor estaria numa posição hierárquica superior (>) em virtude de seu papel social refletido na situação comunicativa.

Na próxima seção, apresentam-se a análise dos recortes selecionados para este estudo e a etiquetagem das formas de tratamento usadas nesses recortes.

4. Análise dos dados e etiquetagem das formas de tratamento

Uma análise geral do *corpus* de pesquisa mostra que a forma de tratamento mais recorrente entre inquiridores e participantes é *você*, como ilustra o recorte a seguir:

- (1)
- INQ.- E a escola, **você acha** que deveria ensinar essas línguas?
- INF.- Eu acho que sim.
- INQ.- Uhum. Qual delas, principalmente? O espanhol?
- INF.- O espanhol, né, porque eu acho que aqui na América, eu acho que é o espanhol, né, e um pouco de... de cada uma dessas que **você citou** aí. (Inquérito 4 – SAS)

A verificação do formulário de registro dos dados do participante revela que tanto a inquiridora quanto a participante é do sexo feminino e da faixa etária 2 (31 a 50 anos), diferindo-se somente no que diz respeito ao nível de escolaridade: enquanto a primeira é aluna de pós-graduação, a segunda tem escolaridade fundamental. Contudo, esse fator parece não ter influenciado na escolha da forma de tratamento, pois ambas manifestam um tratamento mútuo solidário.

Pode-se expressar a etiquetagem das formas de tratamento usadas no recorte (1) da seguinte forma:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 4 (Y) (SAS)	E a escola, você <u>acha</u> que deveria ensinar essas línguas?	G [–formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {31-50} {F} {sup}] > Y {31-50} {F} {fun}]
INF. 4 (X) → INQ. (Y) (SAS)	[...] eu acho que é o espanhol, né, e um pouco de... de cada uma dessas que você <u>citou</u> aí.	G [–formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {31-50} {F} {fun}] < Y {31-50} {F} {sup}]

Observa-se que, frequentemente, a forma {você} é usada com os pronomes clíticos ou possessivos relacionados à forma {tu}, como exemplifica o seguinte recorte, referente ao mesmo inquérito do qual se extraiu o exemplo anterior:

(2)

INQ.- E quando **você** estava com os seus pais e seus avós, **vocês** falavam português?

INF.- Só português.

INQ.- Sua avó falava italiano também, junto...?

INF.- É... é, fala. Ela falava alguma coisa com minha mãe, assim, né, mas como só elas se entendiam, né...

INQ.- Ah, tá. Tua mãe falava italiano?

INF.- A mãe, alguma coisa só, senão eu respondia em português pra minha avó. (Inquérito 4 – SAS)

Verifica-se que a inquiridora utiliza a forma {você/vocês} e alterna os possessivos entre {seu/sua} e {tua}. O perfil das interactantes já foi informando na descrição do recorte (1); contudo, o propósito do recorte (2) é apenas o de mostrar a “mistura” pronominal, dispensando-se, neste caso, a etiquetagem.

Nos dados consultados, há casos em que um dos interactantes utiliza a forma {o senhor / a senhora}, e o outro utiliza {você} (algumas vezes, com os pronomes objeto ou possessivo relacionados à forma *tu*), como ocorre no recorte (3):

(3)

INQ.- Se **você** fosse analisar essas pessoas que falam uma língua diferente da nossa, né, qual deles **você** sente que a amizade seria mais sincera?

INF.- Pois é, aí eu não sei.

INQ.- **Você** nem sabe também quem seria a mais falsa ou interesseira?

INF.- Eu acho que eu não sei dizer isso aí pra **senhora**. (Inquérito 6 – PGR)

Como ambas as interactantes são do sexo feminino e da faixa etária 3, o uso de *a senhora* pela participante talvez esteja motivado pela diferença no nível de escolaridade, embora esse fator não tenha se mostrado relevante nos casos dos recortes (1) e (2). Outra explicação possível seria relacionada a diferenças na idade no interior da faixa etária, pois a inquiridora pode estar localizada mais ao final da faixa estabelecida, enquanto a participante pode estar localizada no início. Diferenças como essas estipulam uma hierarquia social entre interactantes, na qual se manifesta a semântica do poder.

O quadro a seguir expressa a etiquetagem das formas utilizadas:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 6 (Y) (PGR)	Se você <u>fosse</u> analisar essas pessoas que falam uma língua diferente da nossa, né, qual deles você <u>sente</u> que a amizade seria mais sincera? Você nem <u>sabe</u> também quem seria a mais falsa ou interesseira?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {51-70} {F} {sup}] > Y {51-70} {F} {fun}]
INF. 6 (X) → INQ. (Y) (PGR)	Eu acho que eu não sei dizer isso aí pra senhora .	G [+formal] R [2PS] Π [Ø] C [+urb] [X {51-70} {F} {fun}] < Y {51-70} {F} {sup}]

No recorte (4), a seguir, temos diferenças nos três fatores extralinguísticos: enquanto a inquiridora é do sexo feminino, situada na faixa etária 1 (18-30 anos), e aluna de pós-graduação, o participante é do sexo masculino, situado na faixa 3 (51-70 anos), e tem escolaridade fundamental. Essas diferenças podem tornar a relação assimétrica, mas provavelmente o que explica o uso de *o senhor* pela inquiridora é o fato de ela ser mais jovem que o participante, o que configuraria uma forma de cortesia e respeito. O participante, por sua vez, usa *você* para dirigir-se à inquiridora:

(4)

INQ.- Quando **o senhor** era criança, em que língua os seus pais falavam com **o senhor**?

INF.- A mãe falava um pouquinho polonês e brasileiro também, e o pai era mais o polonês.

[...]

INQ.- Essas línguas estrangeiras, elas são feias ou elas são bonitas?

INF.- Pra quem entende, né, tudo bem, são boas, mas pra quem não entende, é ruim, né?

INQ.- Qual que **o senhor** acha que é mais bonita, entre elas?

INF.- Agora **você** me deixou na dúvida mesmo, né? (Inquérito 5 – PGR)

Veja-se a etiquetagem das formas usadas no recorte (4), no quadro a seguir:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 5 (Y) (PGR)	Quando o senhor <u>era</u> criança, em que língua os seus pais falavam com o senhor ? Qual que o senhor <u>acha</u> que é mais bonita, entre elas?	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} > Y {51-70} {M} {fun}]
INF. 5 (X) → INQ. (Y) (PGR)	Agora você me <u>deixou</u> na dúvida mesmo, né?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {51-70} {F} {sup} < Y {51-70} {M} {fun}]

Há casos em que há alternância entre as formas *o senhor* / *a senhora* e *você* e/ou pronomes objeto ou possessivo relacionados à forma *tu*, como ocorre no recorte a seguir:

(5)

INQ.- Agora, sobre tudo isso que eu falei pra **senhora** aqui, as línguas que a gente conversou, teria alguma coisa que **a senhora** gostaria de falar que eu não te perguntei?

INF.- Mas eu acho que **você** perguntou quase tudo, né? Eu acho... agora, no momento, eu não tô me lembrando de nada, mas acho que sim. (Inquérito 10 – PRA)

Nesse caso, ambas as interactantes são do sexo feminino, residindo a assimetria na faixa etária e no nível de escolaridade: enquanto a inquiridora é da faixa etária 1 (18-30 anos), com escolaridade superior, a participante é da faixa etária 2 (31-50 anos), com escolaridade média. Observa-se, portanto, que o nível de escolaridade mais alto da inquiridora não motiva o uso de uma forma de tratamento que indique hierarquia, restando a idade como fator motivador do uso de {a senhora} pela inquiridora ao se dirigir à participante.

A etiquetagem das formas de tratamento utilizadas no recorte (5) pode ser expressa da seguinte maneira:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 10 (Y) (PRA)	Agora, sobre tudo isso que eu falei pra senhora aqui, as línguas que a gente conversou, teria alguma coisa que a senhora <u>gostaria</u> de falar que eu não <u>te</u> perguntei?	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} > Y {31-50} {F} {med}]
INF. 5 (X) → INQ. (Y) (PRA)	Mas eu acho que você <u>perguntou</u> quase tudo, né?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {31-50} {F} {med} < Y {18-30} {F} {sup}]

No recorte (6), a seguir, verificamos uma alternância entre as formas *a senhora* e *você* pela participante, que é mais jovem (faixa etária 1) que a inquiridora (faixa etária 3). O nível de escolaridade parece não ser o motivador do uso de *a senhora*, pois a participante tem nível superior, o que não chegaria a estabelecer uma distância considerável em relação à escolaridade da inquiridora, docente universitária.

(6)

INQ.- E do espanhol [a senhora/você ouve falar]?

INF.- Aí tem os vizinho, né, lá do outro lado.

INQ.- Eles vêm pra cá?

INF.- Eles vêm pra cá. Entre eles, falam, sim, eles até misturam o guarani com o espanhol, mas *pra senhora ver*, eles têm muito mais facilidade de entender a nossa língua do que nós falar a língua deles. [...] Se *você tivesse* a oportunidade de ficar aqui na loja e viesse um paraguaio, por exemplo, que falasse o espanhol ou castelhano, *você ia* ver que eles falam bem corridinho, mas quando eles vão falar com nós, falam mais pausado. (Inquérito 14 – GUA)

A oscilação entre o uso de *a senhora* e *você* pode ser motivada pelo acionamento temporário do auto-monitoramento do participante em relação a utilizar a forma de cortesia, por se dirigir a uma pessoa mais velha.

Expressando-se a etiquetagem das formas de tratamento utilizadas no recorte (6), tem-se:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INF. 14 (X) → INQ. (Y) (GUA)	[...] mas <i>pra senhora ver</i> , eles têm muito mais facilidade de entender a nossa língua do que nós falar a língua deles.	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} < Y {51-70} {F} {sup}]
INF. 14 (X) → INQ. (Y) (GUA)	Se <i>você tivesse</i> a oportunidade de ficar aqui na loja e viesse um paraguaio, por exemplo, que falasse o espanhol ou castelhano, <i>você ia</i> ver que eles falam bem corridinho [...].	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} < Y {51-70} {F} {sup}]

Finalmente, no último recorte a ser analisado, em que figuram a inquiridora (sexo masculino) na faixa etária 1 (18-30 anos), aluna de pós-graduação, e o participante (sexo masculino) na faixa etária 2 (31-50 anos), com escolaridade fundamental, tem-se o uso de *o senhor* por parte da inquiridora, e de *você* por parte do participante:

(7)

INQ.- E quando *o senhor era* criança, que língua que *seus* avós falavam com *você*?

INF.- Português também.

[...]

INQ.- E se nesse bairro só tivesse alemão, *você compraria* [uma casa]?

INF.- Também compraria ((inint.)).

INQ.- E se só tivesse italiano, *compraria*?

INF.- Compraria.

INQ.- Também. *O senhor tem* amigos poloneses?

INF.- Não. (Inquérito 3 – PGR)

Novamente, o motivador para o uso de *o senhor* parece ser a diferença na faixa etária, pois o participante é uma pessoa mais velha, de forma que se manifesta a cortesia. Em sua pesquisa, Ramos (2011) associa o decréscimo do uso de {o senhor} ao surgimento de novos valores comportamentais, como a crescente perda do prestígio social da idade, de modo que a reavaliação social dessa forma de tratamento alterou seu sentido, que passou de forma de cortesia ou respeito a marcador de diferença de idade.

Veja-se a etiquetagem aplicada às formas de tratamento utilizadas na interação do recorte (7). Note-se que um dos enunciados é repetido nas duas linhas do quadro, visto que contém duas formas de tratamento diferentes, que, portanto, recebem diferentes etiquetas:

Interactantes	Formas de tratamento	Etiquetagem
INQ. (X) → INF. 3 (Y) (PGR)	E quando o senhor <u>era</u> criança, que língua que <u>seus</u> avós falavam com você? O senhor <u>tem</u> amigos poloneses?	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} > Y {31-50} {M} {fun}]
INQ. (X) → INF. 3 (Y) (PGR)	E quando o senhor era criança, que língua que <u>seus</u> avós falavam com você ? E se nesse bairro só tivesse alemão, você <u>compraria</u> [uma casa]?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {18-30} {F} {sup} > Y {31-50} {M} {fun}]

Costa (2018) explica que a alternância no uso das formas pronominais vincula-se ao fato de que

[...] o falante acomoda a sua fala aos traços do seu interlocutor, em uma tentativa de igualar a sua performance linguística ao *status* social e variedade que ele possui. Logo, a variação intrafalante existe em função da variação dos traços sociais dos interlocutores. (p. 466)

Contudo, isso parece não se aplicar ao caso do recorte (7), haja vista que se trata dos mesmos interactantes, inseridos na mesma situação comunicativa. Não se verificam transformações nos papéis e *status* sociais dos interlocutores assumidos durante o processo interativo a ponto de justificar a mudança de estilo. Uma explicação plausível seria a configuração do questionário, organizado com o pronome *você*, o que pode ter induzido a inquiridora ao uso desse pronome ao consultar o questionário no momento da pergunta ao participante. Nesse sentido, o automonitoramento da inquiridora na escolha da forma de tratamento, possivelmente considerada por ela adequada à interactante (*a senhora*), pode ter-se relaxado.

Não foram verificados usos do pronome *tu* nos inquéritos consultados, confirmando resultados de pesquisas sociolinguísticas que evidenciam que esse pronome “[...] está cedendo espaço na fala para o pronome de tratamento *você*, passando este a ganhar valor de pronome pessoal e constituindo-se um dos elementos linguísticos mais recorrentes para se dirigir a qualquer pessoa” (Costa, 2018, p. 439). Entretanto, vale ressaltar que, mesmo que os interactantes tenham em seus repertórios essa forma de tratamento, dificilmente ela seria utilizada em um contexto de interação entre pessoas desconhecidas envolvendo certo grau de distanciamento/formalidade, como o de uma entrevista aplicada por docentes/pesquisadores de uma universidade a pessoas que não estão integradas ao meio acadêmico, ainda mais se considerada a sinalização de uso dos dados para pesquisa. Em outras palavras, esse contexto não favoreceria o uso do *tu*, embora se observem traços dessa forma no clítico *te* e no possessivo *tua*, por exemplo.

5. Conclusões

Os resultados mostram a predominância do uso do *você* nos inquéritos, e naqueles em que estão envolvidos inquiridores ou participantes mais velhos, há alternância com {o senhor / a senhora}. Tais formas são, muitas vezes, acompanhadas pelos pronomes objeto e possessivos relacionados à forma pronominal *tu*.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem, dada a similaridade da situação comunicativa dos inquéritos, verifica-se que tanto *você* quanto {o senhor / a senhora} parece caracterizar-se pelos traços [-conhecido] e [-íntimo], o que poderia pressupor o traço [+formal] das formas de tratamento. Contudo, no português brasileiro, a forma {você} estabelece-se como, de forma geral, mais democrática, pois pode ser usada entre íntimos ou entre desconhecidos. As ocorrências de {o senhor / a senhora}, nos recortes analisados, foram observadas, predominantemente, em contextos de assimetria no que se refere à faixa etária, o que reforça os traços de estilo formal vinculado a essa forma; assim, em termos do indicador Grau, observa-se maior distância nesses casos, e essas formas receberam etiquetas de [+formal]. Quanto aos indicadores Referência e Paradigma, ambas as formas vinculam-se à segunda pessoa (real) do singular, com paradigma verbal de terceira pessoa.

O fato de o contexto da interação ser caracterizado por [-envolvimento], pois os interactantes não se conheciam, e [+monitoramento], pois os participantes estavam cientes da gravação e do uso dos dados para

estudo, talvez explique, em parte, a inexistência de *tu* nos inqueritos, além do fato de que o *tu* vem se mostrando menos produtivo no PB.

Em suma, os resultados mostram que os usos das formas de tratamento são motivados pelo contexto de fala, especialmente com relação às características sociais dos interactantes e às circunstâncias do evento comunicativo.

6. Referências

- Aguilera, V. A., Sella, A. F., Botassini, J. O. M., Silva-Poreli, G. A., Altino, F. C., Pastorelli, D. S., Jacumasso, T. D., Busse, S. & Roman, E. C. (2009). Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: Um estudo da relação do português com línguas de contato. *Anais do XIX Seminário do CELLIP*, 19(1), n.p.
- Allen, A. S. F. (2019). *O sistema de formas de tratamento em português europeu: Contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. ULisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/40875/1/ulfl274286_tm.pdf
- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa*. Nova Fronteira; Lucerna.
- Biderman, M. (1972). Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, 18(1), 339-382.
- Brown, R. & Gilman, A. (1960). The pronouns of power and solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in language* (pp. 253-276). MIT.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- Cintra, L. F. L. (1972). *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Horizonte.
- Costa, R. M. S. (2018). As formas pronominais 'tu', 'você' e 'o(a) senhor(a)' no português falado em Cametá – estado do Pará, em uma abordagem sociofuncionalista. *Caderno Seminal Digital Especial*, 1(1), 437-486. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/33079>.
- Faraco, C. A. (1996). O tratamento 'você' em português: Uma abordagem histórica. *Fragmenta*, 13(1), 51-82.
- Frias Conde, F. X. (2018). *Etiquetado y formas de tratamiento*. Ianua.
- Frias Conde, F. X. (2023). As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem Seftra. In A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 5: Vol. 2: Língua e ensino* (pp. 139-148). UA Editora.
- Goffman, E. (1970). *Ritual de la interacción*. Tiempo Contemporáneo.
- Ilari, R. (2010). Os pronomes do português brasileiro: Algumas comparações. *Estudos Linguísticos*, 39(1), 314-330.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação: princípios e métodos*. Parábola.
- Lopes, C. R. S. (2008). Retratos da variação entre 'você' e 'tu' no português do Brasil: sincronia e diacronia. In C. Roncarati & J. Abraçado (Eds.), *Português brasileiro II: Contato linguístico, heterogeneidade e história* (vol. 2, pp. 55-71). Eduff.
- Machado, A. C. M. (2008). A implementação de 'você' no quadro pronominal do português brasileiro. *Revista do GEL*, 5(2), 23-47.
- Menon, O. P. S. (1995). O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, 44(1), 91-106.
- Moreno Fernández, F. (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Ariel.
- Neves, M. H. M. (2002). Os pronomes. In A. T. Castilho (Ed.), *Gramática do português falado: Vol 4: Estudos descritivos* (pp. 13-33). Humanitas, Fapesp, Editora da Unicamp.
- Oliveira, M. (2019). *Formas de tratamento, cordialidade e cortesias paulistas*. FFLCH/USP.
- Preti, D. (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Lucena.

- Ramos, J. (2011). Tratamento na díade pai e filho: o uso de 'você' e 'senhor'. In L. Couto & C. R. Lopes (Eds.), *As formas de tratamento em português e em espanhol: Variação, mudança e funções conversacionais* (pp. 289-302). Editora da UFF.
- Silva, L., Blanco, R. & Blanco, Y. (2017). Formas de tratamento: Português e espanhol em foco. *Letras de Hoje*, 52(3), 331-340.
- Silva, V. F. (2010). 'O senhor / a senhora' ou 'Você'? A complexidade do sistema de tratamento no português do Brasil [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. BDTD. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_8db4fb23a07121559c6fad508fe12ccc/Details?print=1.
- Souza, J. P. F. (2012). *Mapeando a entrada do 'você' no quadro pronominal: Análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Labor Histórico. <https://laborhistorico.letas.ufrj.br/Mestrado/SouzaJPF.pdf>